



A construção lexical *SNLoc atributiva* em uso no Português Contemporâneo¹

The SNLoc attributive lexical construction in use in Contemporary Portuguese

Milena Torres de Aguiar

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro/Brasil

milenatda@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9072-4093>

Resumo: Baseada na Linguística Funcional Centrada no Uso, a presente pesquisa busca investigar a construção *SNLoc* atributiva no Português Brasileiro Contemporâneo. Valendo-nos do *Corpus* do Português para analisar as sincronias passadas e do *Corpus* Discurso & Gramática para os usos do século XX, realizamos uma pesquisa panorâmica em um estudo prioritariamente qualitativo, a fim de comprovar a hipótese de que *SNLoc* atributiva é resultante de construcionalização lexical. A mudança linguística se inicia em contextos atípicos, nos usos dêiticos físicos e catafóricos; e, por meio de usos dêiticos anafóricos e virtuais, que configuram contextos críticos, chega-se à construção *SNLoc* atributiva, em um contexto de isolamento. Nessa construção, nota-se a cliticização do locativo, que se entrincheira ao SN, formando um novo esquema construcional, no nível do léxico. Assim, o locativo unido ao SN assume uma semântica de imprecisão, distinta do original, e juntos constituem a construção híbrida *SNLoc* atributiva, um novo pareamento forma e sentido, um esquema de tipo endocêntrico, complexo, produtivo e parcialmente composicional. A macroconstrução *SNLoc* atributiva de uso corriqueiro no português contemporâneo, através de construtos de microconstruções motivados por contextos semântico-pragmáticos específicos, tem maior produtividade na modalidade falada e em seqüências de fundo narrativo.

Palavras-chave: sintagma nominal; locativo; construção atributiva; construcionalização lexical; linguística funcional centrada no uso.

¹ O presente artigo é um recorte da tese de doutorado defendida em 2015, mencionada nas Referências.

Abstract: Based on Usage-Based Functional Linguistics, the present research seek to investigate the SNLoc attributive construction in Contemporary Portuguese. Using the *Corpus* of Portuguese to analyze past synchronies and the *Corpus* Discurso & Grammar for the uses of the twentieth century, we carried out a panchronic research in a primarily qualitative study, in order to prove the hypothesis that SNLoc attributive is the result of lexical constructionalization. The linguistic change begins in untypical contexts, in physical and cataphoric deictic uses; and, through anaphoric and virtual deictic uses, which configure critical contexts, the attributive SNLoc construction is reached, in a isolating context. In this construction, it is possible to notice the cliticization of the locative, which entrenches itself in the SN, forming a new constructional scheme, at the lexicon level. Thus, the locative united to the SN assumes a semantics of vagueness, distinct from the original, and together they constitute the hybrid SNLoc attributive construction, a new pairing of form and meaning, an endocentric, complex, productive and partially compositional type scheme. The SNLoc attributive macroconstruction of common use in contemporary Portuguese, through micro constructions motivated by specific semantic-pragmatic contexts, has greater productivity in the spoken modality and in narrative background sequences.

Keywords: nominal phrase; locative; attributive construction; lexical constructionalization; usage-based functional linguistics.

Recebido em 30 de junho de 2021

Aceito em 10 de setembro de 2021

1 Introdução

Conforme Aguiar (2015), este artigo busca investigar a construção SNLoc atributiva em uso recorrente nas interações verbais dos falantes de língua portuguesa. Acreditamos que tal construção tem origem nos arranjos dêiticos de SNLoc, em usos mais concretos e referenciais, como os dêiticos físicos e os catafóricos, e naqueles mais ambíguos, que levam à interpretação do uso mais abstratizado SNLoc atributivo, como os dêiticos virtuais e os anafóricos. Assim, através de estágios de crescente abstratização, descritos aqui por meio dos contextos atípico, crítico e de isolamento de Diewald (2002), as subpartes de SNLoc – Sintagma Nominal e pronome adverbial locativo – tornam-se cada vez mais fixas e integradas, constituindo SNLoc atributiva, uma construção instanciada

em contextos de imprecisão, indeterminação, indefinição, pouca adesão em relação ao que é dito pelo falante:

- (1) o:: meu marido tem um amigo... que::... ele era:: esportista... acho que ele era nadador... profissional... apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era *uma doença lá*... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (D&G – Narrativa Recontada oral – século XX)

Em (01), ao produzir “uma doença lá”, o falante está sugerindo, por meio de SNLoc atributiva, que não sabe explicar com clareza sobre a doença que menciona. Compreendemos que o locativo desta construção já se encontra esvaziado de sua ideia espacial, comum aos advérbios de lugar, para, como um clítico², escopar o Sintagma Nominal (SN) e atribuir-lhe alguma especificação, funcionando como seu atributo. Essa configuração de sentido e forma motiva a nomeação da construção mais recente na língua de SNLoc atributiva. Entendemos por construção o par forma e sentido, segundo Croft (2001).

As gramáticas de nossa língua não descrevem os usos do pronomes adverbial locativo pós Sintagma Nominal, nem os usos dêiticos tampouco os clíticos. Segundo as mesmas, os advérbios modificam um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira. E foi esse uso corriqueiro de SNLoc atributiva na interlocução, não mencionado pelos compêndios gramaticais, que chamou a nossa atenção e nos motivou a analisá-lo.

Para tanto, baseamo-nos nas premissas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, por ser uma corrente de estudos que investiga a língua em uso. Segundo suas premissas, há uma simbiose entre o discurso e a gramática, em que ambos interagem e se influenciam mutuamente. Sendo assim, a gramática é concebida “como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação.” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

² O clítico é um morfema gramatical que atua sintagmaticamente e está preso fonologicamente a outra palavra.

Segundo esse entendimento, é o discurso que forja usos como SNLoc atributiva e esses usos moldam a gramática da língua. Assim, realizamos esta pesquisa a fim de comprovar nossa hipótese de que SNLoc atributiva se origina de SNLoc dêitica; o que ocorre através de mecanismos como *priming*, inferência sugerida, neoanálise e analogização, partindo de contextos discursivos como (02), em que temos um apontamento físico com SNLoc dêitica:

(2) a pessoa que ... pronto ... se tivesse ... eu ... minhas amiga ... aqui e uma menina lá ... aí o menino tava batendo nela ... (D&G – Relato de Opinião oral – século XX)

A fim de capturarmos esse percurso da rede SNLoc (em que se incluem SNLoc dêitica e SNLoc atributiva) na língua, empreendemos uma pesquisa pancrônica prioritariamente qualitativa e analisamos dados retirados do *Corpus* do Português³, a partir do século XIV, e do *Corpus* Discurso & Gramática (D&G)⁴, do século XX. Entendemos que, ao final da trajetória de mudança sofrida por SNLoc, que vai da dêixis à cliticização, temos uma construção principalmente de conteúdo, no nível do léxico; por isso, admitimos que ela tenha passado por construcionalização lexical e que, desde a sincronia do século passado, seja um membro marginal⁵ da classe dos nomes do português.

Entendemos construcionalização conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 22), como a criação de signos de forma ^{nova} - sentido ^{novo}, com nova sintaxe ou morfologia e um novo sentido codificado na rede linguística de uma população de falantes. Acreditamos que SNLoc atributiva é um novo par forma e sentido, que conta com propriedades distintas das de SNLoc dêitica. Contudo, ambas as construções convivem como um nó na rede SNLoc e estão disponíveis para uso nesta sincronia. Segundo Goldberg (1995):

construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalização através de construções e, ao mesmo tempo, sub-regularidades e exceções. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

³ Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>

⁴ Disponível em: www.discursioegramatica.letas.ufrj.br/

⁵ “Marginal” no sentido de estar à margem; não ser o mais prototípico, o modelo, da categoria dos nomes.

Desse modo, todo o nosso conhecimento da língua é capturado por uma rede de construções. E, segundo Traugott e Trousdale (2013), devemos levar em conta o surgimento, através da construcionalização, de novos nós para a rede e os *links* entre esses nós; além dos graus de entrincheiramento das construções de acordo com seu nível de abstratização. Há *links* de herança entre SNLoc dêitica e SNLoc atributiva, já que atestamos, conforme Aguiar (2015), as relações exibidas entre elas, em que a primeira motiva e influencia a segunda. Quanto aos graus de entrincheiramento, podemos afirmar que SNLoc atributiva é mais entrincheirada que SNLoc dêitica, devido a sua trajetória de abstratização na língua.

Associando à teoria da LFCU, nas próximas seções, apresentamos os contextos de mudança de SNLoc, de acordo com Diewald (2002); depois assumimos SNLoc atributiva como resultado de construcionalização lexical, segundo Traugott e Trousdale (2013); na seção seguinte, trabalhamos os níveis esquemáticos da construção em estudo, apoiados em Traugott (2008); e, para concluir a nossa análise, atestamos que SNLoc atributiva é um novo par forma e sentido, conforme Croft (2001), através da investigação de suas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Por fim, trazemos as nossas considerações finais.

2 Os contextos de mudança de SNLoc

Esta pesquisa, conforme mencionado, analisa SNLoc Atributiva, uma construção constituída por duas subpartes: Sintagma Nominal (SN) e Locativo (Loc). Baseados em Diewald (2002), investigamos seus contextos de mudança e afirmamos que SNLoc passou por estágios de crescente integração, no âmbito dos arranjos dêiticos até chegar ao esquema⁶ que apresenta na sincronia atual, o SNLoc atributivo. Tais estágios, a saber: contexto atípico, crítico e de isolamento, são reconhecidos como padrões efetivos de uso de SNLoc e são atestados nesta pesquisa, através de um estudo pancrônico, do século XIV ao XX.

Admitimos que SNLoc atributivo é, nesta sincronia, um membro marginal da classe dos nomes do português, resultante de

⁶ Quando nos referimos a *esquema*, estamos compreendendo-o como uma abstração, uma virtualidade, do mesmo modo como entendem Traugott e Trousdale (2013).

construcionalização lexical a partir do esquema SNLoc dêitico. Assim, conforme Aguiar (2020), baseando-se nos trabalhos de Diewald (2002), a mudança linguística de que resulta esse esquema SNLoc mais recente na língua se inicia em contextos atípicos, caracterizados por serem contextos de uso ainda não previstos – os contextos previstos são aqueles em que o pronome adverbial modifica um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira – como SNLoc dêitica física (03) e SNLoc dêitica catafórica (04), usos dêíticos mais referenciais e concretos:

(3)E, posto que lho alguma vez seu senhor non mande que vaa à busca, que elle o non leixe de fazer, de ir a ella, ca, ainda que *alguns monteyros hi* aja (*Corpus* do Português – Livro da montaria – Dom João – século XVIII)

(4)Custume he. que se me filham boy ou besta. por dano que faça. & lho tolho que lhy correga o dano. & dar ao alcaide seséenta soldos. por que tolheu o penhor & deue tornar *a cousa ali* onde a foy filhar. (*Corpus* do Português – Dos Costumes de Santarém – século XIV)

Apesar de serem contextos novos de uso do locativo, na posição pós SN, neles há exclusivamente um apontamento mais referencial: na dêixis física, esse apontamento é para algo do espaço real – *alguns monteiros aí* – e, na dêixis catafórica, para o espaço textual, para o que vem em seguida à construção no texto – *a cousa ali* onde a foy filhar.

De acordo com Aguiar (2020), através de contextos críticos, com SNLoc dêitica anafórica, em (05), e SNLoc dêitica virtual, em (06), surgem ambiguidades de forma e sentido, sugerindo, assim, interpretações alternativas, entre elas o novo significado gramatical:

(5)Fui para a fazenda com meus primos, lá perto tem um povoado e nesse dia estava ocorrendo uma festa. Demos *um pulo lá*, sentamos numa mesa e ficamos vendo os homens dançando (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal escrita – Juiz de Fora – século XX)

(6)E: como é que tu fazes o teu leite?

I: eu... eu pego *o*:: *copo lá*... eu boto açúcar... e Nescau... aí eu boto... leite... e depois mexo... (D&G – Relato de Procedimento oral – Rio Grande – século XX)

Como observamos em (05), SNLoc dêitica anafórica “*um pulo lá*” refere-se à “fazenda”, mencionada anteriormente; em (06), SNLoc dêitica virtual “*o copo lá*” é usada pelo entrevistado para fazer um apontamento da imaginação, já que o copo apontado não está presente no momento da entrevista; entrevistador e entrevistado idealizam tal objeto.

Nos usos anafóricos, a distância entre a construção SNLoc e a referência retomada por ela pode ser grande e, durante a interação, o ouvinte não conseguir recuperar pela memória a ideia de lugar retomada, levando à interpretação semelhante à de SNLoc atributiva, de imprecisão. Da mesma maneira, os usos virtuais também podem ser interpretados em termos da construção mais recente SNLoc atributiva, se compreendermos que, por exemplo, em (06), o falante não quis caracterizar melhor o copo, e por isso usou SNLoc. Conforme Aguiar (2020), contextos como esses ensejam ambiguidades de sentido e forma, favorecendo a criação de um novo esquema.

Assim, a construção SNLoc, ainda exibindo propriedades de suas categorias fonte, SN e Loc, inicialmente se fixou com seus usos dêiticos, alguns de sentido mais concreto – dêixis física e catafórica – outros de sentido mais abstrato – dêixis virtual e anafórica. Nesse segundo estágio, há a atuação dos processos de *priming*, segundo Traugott e Trousdale (2013), já que os usos de SNLoc dêitica física e catafórica motivaram o recrutamento de SNLoc dêitica virtual e anafórica em contextos particulares de uso; além da atuação da *inferência sugerida pragmática*, pois um tipo de implicatura, um sentido de indefinição à SNLoc dêitica, surgiu no fluxo da conversação e permitiu mudanças de significado: o sentido mais concreto do estágio I começa a se abstratizar no estágio II e as novas inferências conduzem à construção mais abstratizada e esquemática.

Desse modo, entendemos que as mudanças construcionais, as mudanças semânticas, alimentam a construcionalização, pois surge um novo sentido no contexto crítico, o sentido de indefinição e indeterminação da construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), tais estágios configuram as mudanças construcionais; é a “pré construcionalização” que leva à construcionalização com mudança na

forma. Assim, observamos que SNLoc passa por contextos atípicos e críticos que exibem uma sucessão de micropassos, de neanálises. SNLoc é neanalisada quando os falantes começam a fazer associações entre os seus construtos, ou seja, entre as instâncias de uso da construção; e por meio do *pensamento analógico*, fazem novas combinações não previstas. A partir daí, novos usos passam a ser licenciados, via *analogização*, com a fixação de novos itens para o esquema.

No contexto de isolamento, último estágio de mudança, o novo significado gramatical é isolado como distinto do mais antigo. Esse fato ocorre, pois surgem contextos linguísticos específicos que privilegiam uma leitura em detrimento da outra. Assim, o novo sentido não é mais uma implicatura pragmaticamente sugerida, e sim, uma unidade independente da mais antiga. Admitimos que, nesse terceiro estágio, temos a construção SNLoc atributiva com o locativo da construção assumindo um uso clítico e atuando de forma dependente do SN. Conforme Aguiar (2020), é a criação de um novo membro da classe dos SNs do português; nele, o sentido do pronome locativo já está bastante desgastado da noção de lugar e os SNs recrutados são mais genéricos e indefinidos, concorrendo com a ideia de indefinição e indeterminação da construção, conforme atestamos no exemplo a seguir:

(7) à noite... a reunião estava marcada às sete e meia... eu fui convidado e tinha um... um rapaz... que... saiu devido a *uns problemas lá*... questão de disciplina... não sei que questão... eu ocupei o lugar dele... como::... naveteiro... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Juiz de Fora – século XX)

Como podemos ver em (07), não só a construção, mas o entorno para o qual SNLoc atributiva é recrutada é de indefinição, daí tal recrutamento. Observamos que, ao dizer “*uns problemas lá*”, o falante não está realizando um apontamento para algo do espaço, e sim, está subjetivamente sugerindo que ele não sabe com precisão sobre os problemas de que está falando. Tanto o SN *uns problemas*, com um sentido mais abstrato e indefinido, quanto o pronome locativo *lá*, que confere um maior distanciamento, pouca adesão ao que é dito, favorecem a semântica desta instanciação da construção SNLoc atributiva.

Por estar distante do verbo e posposto ao SN *uns problemas*, o locativo *lá* atribui uma especificação a tal referente, na posição de

modificador desse SN e funcionando como seu atributo. Essa configuração de forma e sentido motiva que se nomeie o novo esquema na língua de SNLoc atributivo, o qual se realiza na interação oral cotidiana, mas ainda não é normatizado. No entanto, encontramos SNLoc atributiva não só na modalidade oral mas também na escrita, como observamos em (08):

- (8) Estava tão regalada a pensar na ceia que ia dar aos bichos que nem reparei no guarda, um lobazana grande, alto como um salgueiro. “ Eh, raparigal. “. Quando me voltei e dei com ele, estive para fugir. Mas depois fiquei, porque aquilo era erva e a perca não era nenhuma. “ Larga lá isso, anda “. E vou eu, pus-me a pedir-lhe: “ Deixe-me levar esta ervazinha para os meus coelhos “. -Deixaste-a toda.. - Pois não, cachopa. Aquilo era aveia. Vi-me enrascada. Mas tanta choradeira lhe fiz que *o homem lá* me deixou abalar. (*Corpus* do Português – Fanga – Alves Redol – século XX)

Apesar de acreditarmos que a construção SNLoc atributiva seja muito recente na língua devido aos poucos dados⁷ na modalidade escrita em nossos *corpora*, o fato de termos encontrado usos nessa modalidade permite que se constate a sua construcionalização, de acordo com Traugott e Trousdale (2013). Através de pesquisa diacrônica, é possível atestar que SNLoc atributiva é um novo esquema na língua, já que nenhum uso dessa construção foi encontrado em sincronias mais antigas, como podemos ver nas tabelas a seguir:

⁷ Buscamos no *Corpus* do Português, nos textos escritos do século XX, instanciações da microconstrução SNLoc atributiva e encontramos apenas 6 dados, os quais já se tornam importantes para atestarmos a construcionalização em nossa pesquisa. Esses dados não constam na Tabela 1, por esta tratar dos usos diacrônicos do *Corpus* do Português, como também não aparecem na Tabela 2, porque esta sumariza dados do *Corpus* D&G. Essa “aferição” no século XX do *Corpus* do Português foi para constatar a construcionalização de SNLoc atributiva, como destacamos. Assim, apontamos que, dos 6 usos encontrados no *Corpus* do Português nos textos escritos do século XX, 2 são com o locativo *lá* e 4 com o locativo *aí*.

Tabela 1: Levantamento dos usos na modalidade escrita do *Corpus* do Português - século XIV a XIX

	Dêítico Físico	Dêítico catafórico	Dêítico anafórico	Dêítico virtual	Clítico	Total
LÁ	3	6	28	0	0	37 (2,90%)
AÍ	47	18	188	9	0	262 (20,53%)
ALI	5	86	433	7	0	531 (41,62%)
AQUI	158	59	97	132	0	446 (34,95)
Total	213 (16,69%)	169 (13,25%)	746 (58,46%)	148 (11,60 %)	0	1276

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 136

Tabela 2: Levantamento dos usos nas modalidades oral e escrita do *Corpus* D&G no século XX

	Dêítico Físico	Dêítico catafórico	Dêítico anafórico	Dêítico virtual	Clítico	Total
LÁ	1	123	25	6	107	487 (62,52%)
AÍ	17	4	9	9	27	66 (8,47%)
ALI	5	26	37	8	10	86 (11,04%)
AQUI	78	44	3	15	0	140 (17,97%)
Total	101 (12,97%)	197 (25,29%)	299 (38,38%)	38 (4,88 %)	144 (18,48%)	779

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 136

Na sincronia atual (cf. tabela 2), dentre todos os locativos analisados, *lá* é o mais frequente na construção SN_{Loc} atributiva, conferindo maior indefinição e descomprometimento em relação ao sentido articulado pelo SN. Segundo Batoréo (2000), entre os quatro locativos do português contemporâneo brasileiro, *lá* é o único que possui

granulidade vasta, que é a marca da imprecisão e indefinição situacional. Em contrapartida, *aqui*, *ali* e *aí* participam do subsistema de granulidade fina ou estreita, que articula a referência de lugar com maior precisão e pontualidade, talvez, por essa razão, seu uso em maior quantidade dos textos escritos de sincronias passadas (cf. tabela 1). Desse modo, em termos semânticos, *lá* confere maior distanciamento e difusão; em termos estruturais, *lá* é monossilábico, uma forma gramatical leve e pouco saliente, daí seu maior recrutamento para SNLoc atributiva.

Dos cinco tipos de texto disponíveis no *corpus* D&G, a saber: narrativa de experiência pessoal e recontada, descrição de local, relato de opinião e de procedimento, o tipo de texto em que a referida construção mais ocorre é a narrativa, principalmente a recontada. Assim, dos 144 usos de SNLoc atributiva, 86 são em narrativas recontadas e 24, nas de experiência pessoal, contabilizando 110 dados. Essa superioridade em relação às narrativas recontadas faz sentido visto que, quando narramos uma história vivida por outra pessoa, muitas vezes não sabemos todos os detalhes e vamos contando do nosso jeito, como acontece em muitas narrativas recontadas dos nossos *corpora*. Assim sendo, a narrativa recontada motiva o uso clítico em SNLoc atributiva, principalmente o do *lá*, pois tanto o tipo de texto quanto esse locativo carregam um sentido de indefinição, indeterminação.

Conforme apresentado, apesar de termos encontrado a construção SNLoc dêitica em todas as sincronias investigadas, assumimos, em nossa pesquisa, a distinção entre contexto atípico e contexto crítico no que diz respeito aos usos dêiticos mais concretos – físicos e catafóricos – e aos mais abstratos – anafóricos e virtuais –, sendo esses últimos os que geram as ambiguidades necessárias à mudança, levando ao surgimento de um novo esquema, o esquema SNLoc atributivo, atestadamente um uso mais recente na língua.

3 A construcionalização de SNLoc atributiva

Analisados brevemente os estágios de mudança de SNLoc, segundo Diewald (2002), fixemo-nos em nosso objeto de estudo, a construção mais recente de nível lexical, SNLoc atributiva, resultado de construcionalização lexical.

De acordo com Aguiar (2015), SNLoc atributiva é concebida como um elo de correspondência simbólica entre forma e sentido. Assim,

o entrincheiramento de suas subpartes SN e Loc constitui uma nova forma com sentido específico, uma semântica de indefinição, imprecisão, pouca adesão em relação ao que é dito. Baseados em Traugott (2008), afirmamos que essa construção conta com alguns níveis esquemáticos, a saber: a macro, as mesos, as microconstruções e os construtos.

Macroconstrução é um grande esquema altamente abstrato, primitivo e possivelmente universal. Compreende as construções mais genéricas da rede e abarca estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento. Investigamos a macroconstrução SNLoc atributiva, que abarca meso e microconstruções, realizadas em construtos de nível lexical.

Mesoconstruções envolvem o conjunto observável de similaridades sintáticas e semânticas de microconstruções específicas. Estão em nível intermediário entre macro e microconstruções. A macroconstrução SNLoc atributiva abarca mesoconstruções que, nesta pesquisa, são preenchidas por SNs de duas ou três posições + um locativo dentre os três encontrados em nossos dados no uso clítico: *aí*, *lá* e *ali* – não encontramos *aqui* como clítico.

Microconstruções dizem respeito às construções individuais. O esquema abstrato SNLoc atributivo tem suas realizações na interação entre os falantes, concretizando-se nas ocorrências de microconstruções como: *uma vacina lá* (SN de duas posições: *uma vacina* + locativo: *lá*); *todos esses países aí* (SN de três posições: *todos esses países* + locativo *aí*).

Construtos são as ocorrências (*tokens*) das microconstruções empiricamente comprovadas; instâncias de uso em uma ocasião especial, proferida por um falante particular com um propósito comunicativo; é, portanto, o *locus* da mudança e inovação. As microconstruções de SNLoc atributiva podem ser flagradas em construtos como:

- (9) *aí* agora não ... só tô ... sei lá com tratamento que é ... já tá acabando ... que é *uma vacina lá* ... e no final do ano ... fazer o que ... sei lá ... fazer até uma ... uma operação pra tirar o desvio () nasal ... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Natal – século XX)
- (10) a pouca vergonha que acontece... agora... pouca vergonha tem em todo lugar... né? não é só no Brasil... em *todos esses países aí* os políticos... são sempre corruptos... né? (D&G – Relato de Opinião oral – Rio de Janeiro – século XX)

Através das instâncias apontadas anteriormente, constatamos que estamos diante de novos pares forma e sentido, que fazem parte de um esquema mais geral e abstrato. Verificamos em (09) e (10) que o contexto de uso de SNLoc atributivo é específico para o que se pretende na interação. Em (09), por exemplo, observamos que ao dizer “*uma vacina lá*”, o falante demonstra subjetivamente que não sabe informar com precisão sobre a vacina de que comenta e marca esse sentido ao instanciar SNLoc atributiva. Em (10), a entrevistada opina sobre os políticos corruptos de “*todos esses países aí*”; e, por não especificar os países, talvez pela indignação que o assunto causa, o sentido de indefinição foi marcado com um construto de SNLoc atributiva. Há, nos exemplos apontados, uma subjetividade ao se instanciar SNLoc atributiva, que se torna intersubjetiva na interação, pois os interlocutores partilham desse entendimento e já internalizaram o novo esquema como convencionalizado na língua.

Traugott e Trousdale (2013) apontam que existem mudanças que resultam em construções procedurais e mudanças que resultam em construções de conteúdo. No caso de nosso objeto de estudo, verificamos que a construcionalização resultou em uma construção híbrida, ou seja, tal construção é em parte procedural e em parte de conteúdo, já que tem na origem de sua trajetória um locativo usado como dêitico – marca de sinalização das construções procedurais – mas é usada referencialmente, associada à categoria esquemática como um Nome – marca das construções de conteúdo. Assim, como resultado final de uma trajetória de mudança, afirmamos que SNLoc atributiva é uma construção *principalmente* de conteúdo, e por esse motivo, apontamos que estamos lidando com construcionalização lexical.

Desse modo, assumimos que SNLoc atributiva é resultado de construcionalização lexical realizada através de uma sucessão de mudanças no sentido e na forma, de micropassos graduais: inicialmente, os construtos de SN e Loc entendidos de forma isolada passam, de modo rotineiro, a serem compreendidos como um *chunk*⁸ (BYBEE, 2010) sequencial SNLoc, e assim, forma-se a microconstrução SNLoc dêitica que compõe o esquema macroconstrucional SNLoc dêitico.

⁸ Um *chunk* é uma unidade de organização da memória, formada por trazer junto um conjunto de *chunks* já formado na memória e fixá-lo junto em uma unidade maior. (BYBEE, 2010, p.7)

Nesse esquema, temos usos mais concretos e referenciais, como os dêiticos físicos e catafóricos, e aqueles mais ambíguos, como os dêiticos anafóricos e virtuais. Gradualmente, com a frequência de uso e, principalmente, através dos contextos de ambiguidade, o segundo elemento da construção, o Loc, se torna um clítico com sentido mais abstratizado, dando origem à microconstrução SNLoc atributiva.

Assim, compreendemos que o esquema SNLoc dêitico influencia o surgimento de microconstruções SNLoc atributivas através de mecanismos como *priming*, inferência sugerida, neoanálise e analogização, já descritos neste trabalho. Dessa forma, o que era um “composto” se torna uma nova unidade simbólica convencional principalmente de conteúdo, com nova semântica e morfossintaxe. Nesse estágio, há a construcionalização do esquema SNLoc atributivo, o qual fica disponível para uso em contextos semântico-pragmáticos específicos. Novas microconstruções, via analogização, são criadas contínua e instantaneamente na interação cotidiana por já existir na língua um modelo, um esquema convencionalizado que as sanciona, que tem seus *slots*, seus espaços abertos a serem preenchidos com possibilidades diferentes de SN e de Loc.

Nesse sentido, afirmamos que SNLoc atributiva é um novo nó na rede SNLoc e herda as propriedades de seus nós dominantes, como as propriedades do SN, do locativo, desses constituintes usados em padrões dêiticos. Assim, conforme Goldberg (1995), atestamos os *links* de herança de SNLoc atributiva, pois as relações entre esta e a construção SNLoc dêitica são parcialmente motivadas e umas influenciam as outras: SNLoc, atuando no padrão dêitico, influencia SNLoc atributiva e ambas convivem na língua sincronicamente como dois nós na rede SNLoc. Entretanto, como já observamos, SNLoc dêitica é um arranjo em que o SN tem ainda as características do nome e o Loc, as propriedades do advérbio, enquanto SNLoc atributiva é mais abstratizada devido à trajetória de construcionalização sofrida.

Ao contrário do que acontece em casos de construcionalização gramatical, com a construcionalização lexical não há mudança na categoria formal. Assim, SNLoc atributiva continua a ser um SN, mesmo passando pelos estágios graduais que resultam em construcionalização. Como já apontamos, é um SN mais marginal, mas é um SN na língua, já que continua a atuar de forma referencial. Assim, os falantes de nossa língua têm a possibilidade de instanciar, por exemplo, o SN “*uma mulher lá*”,

como também de apenas dizer “uma mulher”. Ao optar por “*uma mulher lá*”, o falante está indicando (inter)subjetivamente um distanciamento em relação a essa mulher. A opção por essa microconstrução é distinta do uso do SN “uma mulher”, que não informa para o outro essa noção de pouca adesão e imprecisão em relação à identidade da mulher. O construto “*uma mulher lá*” é entendido, então, como um único “bloco” lexical, um todo de sentido e forma, que está no inventário de nossa língua disponível para o uso com determinada finalidade.

Apoiados em Traugott e Trousdale (2013), afirmamos que a construcionalização lexical de nosso objeto de estudo é acompanhada por aumento de esquematicidade e produtividade e diminuição de composicionalidade. Conforme mencionado, a macroconstrução SNLoc atributiva é abstrata, um grupo geral de construções de conteúdo, relacionadas numa rede construcional. Além disso, é instanciada por mesoconstruções e, em níveis mais baixos, por microconstruções e construtos. Capturamos padrões mais gerais, ou seja, a macroconstrução, a partir de uma série de construções mais específicas, as microconstruções. Assim, a macroconstrução SNLoc atributiva é parcialmente esquemática – já que possui *slots* a serem preenchidos recursivamente e não aleatoriamente, pois há traços semânticos e sintáticos que os restringem – e as microconstruções são alocadas dentro dela.

O esquema SNLoc atributivo já se configura como resultado da expansão do esquema SNLoc dêitico. Assim, esse último tornou-se um padrão abstrato atrator de novas microconstruções do esquema que se convencionalizou depois, o SNLoc atributivo. E este se expande à medida que passa a contar com mais microconstruções, as quais surgem instantaneamente. Assim, a extensibilidade de SNLoc atributiva, ou seja, a extensão para a qual ela sanciona novas microconstruções, leva ao aumento de produtividade do esquema. Desse modo, entendemos esse novo esquema na língua como uma construção produtiva.

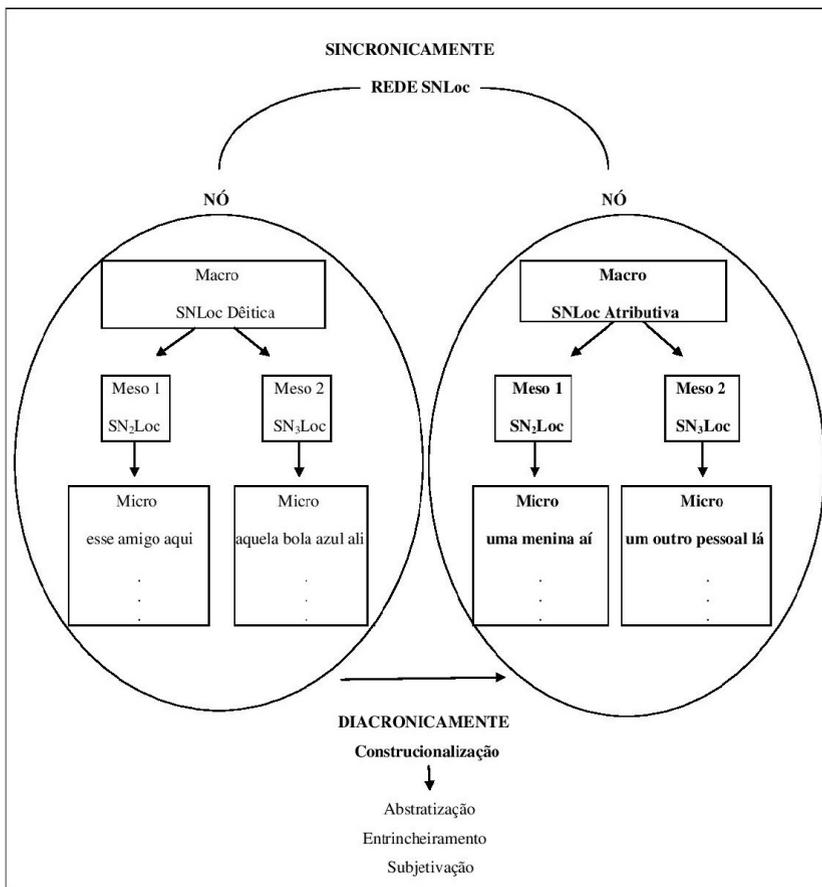
Quando novas microconstruções SNLoc atributivas são formadas, elas se espalham e através da rotinização, automatização e repetição, aumentam a frequência do construto, tornando-se altamente produtivas. Assim, apesar de SN e Loc carregarem propriedades de sua história na língua, de seu uso isolado mais lexical, por ser uma construção

endocêntrica⁹, a segunda subparte da construção, o Loc, confere algum tipo de matiz à primeira subparte, o SN, e ambas contribuem com o sentido da construção, podendo o esquema ser perfilado por variadas constituições de SN e por locativos distintos. Desse modo, verifica-se o aumento de esquematicidade e produtividade de SNLoc atributiva.

Com a construcionalização lexical, há redução de composicionalidade, mais especificamente no nível microconstrucional. Dessa forma, quando o falante instancia SNLoc atributiva, o ouvinte não vai compreendê-la através do sentido de cada item individual, o que gera, então, incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o sentido do todo. O ouvinte já internaliza esse novo esquema na língua e compreende tal construto pelo seu sentido como um todo. Entretanto, a microconstrução em estudo não é inalisável e totalmente opaca, mas sim, tem sua composicionalidade diminuída. Por ser justamente uma unidade composta por *chunk* analisável, baseados em Traugott e Trousdale (2013), afirmamos que SNLoc atributiva é uma construção complexa. Trata-se de um arranjo que ainda exhibe parcial composicionalidade, devido à preservação de sentido do SN e de seu estatuto mais lexical, concernente à classe dos substantivos; por outro lado, o locativo se encontra mais destituído de seus traços prototípicos adverbiais, atuando à semelhança de um clítico a concorrer para a atribuição do SN. A Figura 1 a seguir ilustra nossas constatações sobre a rede SNLoc:

⁹ As construções endocêntricas são organizadas na base de uma rede de herança padrão, em que cada nó herda propriedades do seu nó dominante. Traugott e Trousdale (2013) citam como exemplos *quadro-negro*, que é um tipo de quadro, e *pão de mel*, que é um tipo de pão. Nesses casos, o elemento modificador (*negro*, *de mel*) dá uma especificação adicional em relação ao determinado (*quadro*, *pão*), mas propriedades gerais são herdadas de um conceito mais geral assim como atestamos em SNLoc atributiva. Já nos exocêntricos, segundo os autores, o mesmo não acontece: quando usamos a expressão *mão de vaca* não estamos nos referindo à parte do corpo de uma vaca, e sim, dizendo que a pessoa é avarenta. O esquema exocêntrico é associado a idiossincrasias; as microconstruções exocêntricas são mais atômicas. Portanto, existem diferenças consideráveis no grau de produtividade, dependendo da organização interna do esquema. Por apenas considerarem expressões formulaicas, idiossincrasias, muitos trabalhos anteriores sobre lexicalização afirmavam que as construções de conteúdo eram não produtivas.

Figura 1: A rede SNLoc e o esquema SNLoc atributivo resultado de construcionalização



Fonte: AGUIAR, 2015, p.165

Portanto, analisando diacronicamente, afirmamos que SNLoc atributiva é resultado de construcionalização lexical, em uma trajetória que parte do esquema SNLoc dêitico. Observando sincronicamente, afirmamos que temos dois nós na rede SNLoc que convivem: SNLoc dêitica e SNLoc atributiva. Cada nó abarca a macro, as mesos e as inúmeras microconstruções, as quais se realizam como construtos na língua.

4 A construção SNLoc atributiva e seus níveis esquemáticos

Conforme vimos, o arranjo SNLoc atributivo mais recente na língua pode abarcar inúmeras microconstruções instanciadas na interação verbal através de *tokens* de construções. A fim de realizar um levantamento dessas várias e possíveis micro, investigamos todas as ocorrências de nosso *corpus* sincrônico e chegamos a 144 *microconstruções* SNLoc atributivas.

Em Aguiar (2015), analisamos as microconstruções não só em relação aos três locativos encontrados – *aí*, *lá* e *ali* – como também de acordo com a referência que o SN faz. Assim, encontramos nesses SNs referência a lugares, pessoas, animais, entidades¹⁰ concretas definidas, entidades concretas indefinidas, entidades abstratas definidas, entidades abstratas indefinidas, um momento, um evento, um tempo decorrido, uma unidade de medida, uma qualidade.

Cabe destacar que as entidades estão divididas em quatro grupos por questões semântico-pragmáticas. Diferenciamos as *entidades concretas definidas*, as quais podemos tocar e entender do que se trata, como “o rádio”, “o baú”; das *entidades concretas indefinidas*, as quais remetem a algo concreto, mas indefinido no contexto, por exemplo: “um troço” se referia a algum brinquedo em que a criança subia e do qual pulava ; “o coisa” parecia ser um banco. Já as *entidades abstratas definidas* são as que não podemos tocar, mas sabemos do que se trata, como “uma doença”, “uma reza” e a *entidade abstrata indefinida* se refere ao que não podemos tocar nem definimos claramente o que seja, como “uns problemas”, “uma ideia”.

Similarmente, por questões semântico-pragmáticas, diferenciamos a noção de tempo em *momento*, *evento* e *tempo decorrido*. No primeiro, lidamos com algo que aconteceu em um momento pontual , como “as férias”, “outro dia”; no segundo, estamos tratando de um evento ocorrido , como “a confraternização, “o rodeio”; e no terceiro, tratamos de algo que se dá ao longo do tempo, como “doze anos” (fazendo remissão aos doze meses do ano em que a pessoa tem essa idade) , “o tempo todo”. Vale ainda ressaltar que há SNs que designam uma *qualidade*, como “tudo

¹⁰ Denominamos entidade uma individualidade, um ser, o que constitui a essência de algo. É tudo que existe ou pode existir, de forma real ou imaginária.

escuro”, em que a noção de qualidade é observada no modificador do SN. Observemos os *tokens* a seguir, ilustrativos de cada referência do SN:

- (11) eu estava vindo da casa da madrinha da minha irmã... aí ao passar em frente de *um beco lá... tudo escuro lá...* aí eu vi uma senhora com duas bolsas... né? () de compra... aí vieram uns caras... e quiseram assaltar... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Rio de Janeiro – século XX)
- (12) *uma mulher lá...* eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? aí depois passou essa capa/ essa catapora... pra irmã dela... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)
- (13) eu falei com minha dindinha que estava aí/ estava aí... ele falou que... eh... que estava querendo que pegue um bicho... aí apareceu lá nim casa eu falando que eu tenho *um gafanhoto lá...* falando que eu vou pegar... (D&G – Relato de Procedimento oral – Niterói – século XX)
- (14) E: eh... como é que a gente faz pra jogar vídeo-game?
 [...] E: é? quais são [os macetes?] como é que a gente faz pra jogar?
 I: [tem que/] não sei tem *muitos jogos aí...* tem com macete... (D&G – Relato de Procedimento oral – Rio de Janeiro – século XX)
- (15) quando o ônibus deu a freiada... né? eu te contei... quase que bate... a cabeça no ferro... e ela/ a colega dela... caiu no chão... quando caiu... ralou o dedo dela... ralou o dedo... ela “aí... aí... meu dedo... meu dedo...”aí... minha mãe... enrolou com *um negócio lá...* (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)
- (16) o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou *uma frase aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... *o tempo todo aí é ... aí/ cobriu lá o corpo né ...* (D&G – Narrativa Recontada oral – Natal – século XX)

- (17) Quando eu fui na:: fazenda com os meus primos é e lá teve uma festa lá no povoado dos Moinhos... é:: uma festa de forró *essas coisas lá* de fazendeiro de roceiro sabe? (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Juiz de Fora – século XX)
- (18) *noutro dia ali...* né? eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né? aí eu estava descendo o morro... que era o morro assim da... da São Félix... tem um morro ali... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – RJ – século XX)
- (19) I: aconteceu recentemente... eh... e foi assim... foi interessante... foi engraçado... foi que eu/ eh::... teve a formatura do/ de uma outra classe de oitava série lá da academia... e eles me convidaram pra ir na:: *confraternização lá* da formatura... deles... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Juiz de Fora – século XX)
- (20) eles diminuem o diâmetro é:: da:: o diâmetro da canali/ por exemplo a canalização fica com *um diâmetro aí* de duzentos de ... é:: quer dizer num sei de cor assim o diâmetro não ... mas ... fica um diâmetro grande ... (D&G – Relato de Procedimento oral – Natal – século XX)

Nos exemplos apontados, observamos nos SNs, em (11), a referência a um lugar e a uma qualidade; em (12), a referência a uma pessoa; em (13), a referência a um animal; em (14), a referência a uma entidade concreta definida; em (15), a uma entidade concreta indefinida; em (16), a uma entidade abstrata definida e a um tempo decorrido; em (17), a uma entidade abstrata indefinida; em (18), a um momento; em (19), a um evento e em (20), a uma medida. A tabela a seguir apresenta o quantitativo dessa análise:

Tabela 3: Levantamento dos SNs da microconstrução SNLoc atributiva quanto à sua referência

	LÁ	AÍ	ALI	TOTAL
Lugar	19	6	5	30
Pessoa	45	5	3	53
Animal	2	0	0	2
Entidade concreta definida	9	2	0	11
Entidade concreta indefinida	4	2	0	6
Entidade abstrata definida	12	4	0	16
Entidade abstrata indefinida	10	2	0	12
Momento	3	3	1	7
Evento	2	0	1	3
Tempo decorrido	0	2	0	2
Medida	0	1	0	1
Qualidade	1	0	0	1
TOTAL	107	27	10	144

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 170

Verificamos na Tabela 3 que, em nossos dados, SNs que fazem referência a pessoas são os mais utilizados nas instanciações das microconstruções SNLoc atributivas; seu quantitativo é ainda superior à soma dos que representam as entidades concretas e abstratas, as quais são também muito utilizadas.

Como já destacado, encontramos SNLoc atributiva com maior frequência nas narrativas recontadas. Nas narrativas, pessoas fazem coisas em algum lugar e tempo. As entidades concretas e abstratas fazem parte do cenário narrativo. Assim, há motivação para serem esses os SNs mais recrutados para SNLoc atributiva, e as pessoas são, geralmente, o centro de tudo o que contamos, por isso a maior ocorrência de referência à pessoa.

Analisamos também os construtos mais recrutados entre os 144 encontrados e verificamos que os que contam com nomes como “cara” e “negócio” são os mais recorrentes, tendo o primeiro 6 ocorrências, e o segundo 5 ocorrências. “Negócio” tem seus similares como “coisa” e “troço”, e, em nossos dados, “coisa” conta com 4 usos e “troço” com 2. Assim, chegamos aos construtos prototípicos em termos de frequência, e também, em relação ao sentido, levando-se em consideração a semântica da construção, que é de indefinição, imprecisão e pouca adesão em relação ao que é dito. Portanto, fazendo uso de construtos como esses quatro

apontados, o falante demonstra, de forma mais acentuada, o sentido (inter)subjetivo de afastamento, de incerteza em relação ao que é contado.

Em nossos dados, todas as microconstruções instanciadas como construtos têm suas similaridades sintáticas e semânticas que podem ser alinhadas em mesoconstruções, as quais, como mencionamos, em nossa pesquisa, são constituídas por SNs de 2 ou 3 posições¹¹ + um locativo. Baseados em Perini (2010), analisamos as classes de palavras que, em nossos dados, constituem os SNs da construção SNLoc atributiva, e definem, portanto, as mesoconstruções de nosso esquema juntamente a um locativo:

Quadro 1 : Preenchedores dos SNs das mesoconstruções SN2Loc e SN3Loc

	Predeterminante	Determinante	Núcleo	Modificador
1.	∅	artigo definido	substantivo	∅
2.	∅	artigo definido	pronomesubstantivo indefinido	∅
3.	artigo definido	quantificador	substantivo	∅
4.	∅	artigo definido	substantivo	pronomepossessivo
5.	∅	artigo definido	substantivo	adjetivo
6.	artigo definido	adjetivo	substantivo	∅
7.	∅	artigo definido	substantivo	∅
8.	artigo definido	pronomesubstantivo indefinido	substantivo	∅
9.	∅	artigo definido	substantivo	pronomepossessivo
10.	∅	artigo definido	substantivo	adjetivo
11.	artigo definido	quantificador	substantivo	∅
12.	∅	pronomedemonstrativo	substantivo	∅
13.	∅	pronomedemonstrativo	substantivo	adjetivo
14.	∅	pronomesubstantivo indefinido	substantivo	
15.	∅	∅	pronomesubstantivo indefinido	adjetivo
16.	pronomesubstantivo indefinido	pronomedemonstrativo	substantivo	∅
17.	∅	quantificador	substantivo	∅

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 172

¹¹ Representados por SN₂Loc e SN₃Loc, respectivamente.

Assim, observamos que o SN da mesoconstrução SN₂Loc pode ser preenchido por um determinante e um núcleo ou por um núcleo e um modificador; já o SN da mesoconstrução SN₃Loc pode ser preenchido por um predeterminante, um determinante e um núcleo ou por um determinante, um núcleo e um modificador. As classes de palavras que compõem esses SNs da construção SNLoc atributiva em nossos dados estão especificadas na Tabela 4. O SN juntamente a um dos três locativos: *aí*, *ali* ou *lá* representam os padrões mesoconstrucionais que são integrados em um esquema altamente abstrato, a *macroconstrução* SNLoc atributiva, a qual abarca todas as ocorrências de uso, conforme representado na Figura 1.

5 As propriedades de forma e sentido da construção lexical SNLoc atributiva

Baseados em Croft (2001), apresentamos, de forma mais bem explicitada, a construção SNLoc atributiva, um novo par forma-sentido na língua, compreendida como um elo de correspondência simbólica, em que a forma integra suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas e o sentido engloba suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, como propomos e definimos na figura a seguir:

FIGURA 2: Propriedades de forma e sentido de SNLoc atributiva
CONSTRUÇÃO SNLOC ATRIBUTIVA

PROPRIEDADES DA FORMA	
Sintáticas	Entrincheiramento de SNLoc, com cliticização da segunda subparte.
Morfológicas	Formação de novo elemento lexical, membro marginal da classe dos nomes.
Fonológicas	
ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	
PROPRIEDADES DO SENTIDO	
Semânticas	Abstratização da segunda subparte, com perda de seu sentido referencial em detrimento de um sentido de imprecisão e indefinição em relação ao que é expresso no SN.
Pragmáticas	Construção (inter)subjativa na expressão de sentido avaliativo, atuando em contextos de desconhecimento do falante, compartilhamento da informação, pouca importância em relação ao que é dito e estimativa aproximada.
Discursivo-funcionais	Ocorrência em contextos informais da oralidade, principalmente em sequências de fundo narrativo.

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 192

Quanto às propriedades da *forma*, apontamos que, em termos de *sintaxe*, o locativo na construção SNLoc atributiva se encontra posposto a um SN, em uma configuração sintática “diferente” da prevista pelas GTs. Tal locativo funciona como um clítico dependente do SN anterior e com este há um entrincheiramento como uma construção.

Na constituição da construção SNLoc atributiva, estamos lidando com uma combinação idiomática (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994), já que as partes carregam porções identificáveis de sentido idiomático. Assim, em nossos dados, temos no SN da referida construção *determinantes* como: artigo definido ou indefinido, pronome demonstrativo e indefinido, adjetivo e quantificador. Como *modificadores*, temos adjetivo e pronome possessivo. Como *núcleo* ou *base*, temos o substantivo ou pronome substantivo indefinido. Podem-se encontrar SNs sem determinantes ou sem modificadores.

A posição sintática do pronome locativo em SNLoc atributiva é típica de um adjetivo em nossa língua, portanto, ele atua como um

atributo do nome , contribuindo com sua qualificação. Já o nome pode exibir as funções sintáticas de sujeito, de objeto e de complemento de preposição (PERINI, 2010). Verificamos essas posições sintáticas do nome e do locativo na construção através das instâncias (21), (22) e (23), respectivamente, a seguir:

- (21) daqui a pouco *um negão lá* gritou ...pô “pega os mauricinhos... pega os mau” ((riso)) aí a gente saiu correndo... cara... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Rio de Janeiro – século XX)
- (22) no meio da estrada não tinha onde enterrar né ... aí de tanto enterrar *aquelas pessoas ali* ... (D&G – Narrativa Recontada oral – Natal – século XX)
- (23) mas com *essa greve aí* não dá pra gente estudar muito... né? (D&G – Relato de Opinião oral – Rio de Janeiro – século XX)

Com o entrincheiramento do locativo ao SN, temos a construção SNLoc atributiva, um novo elemento lexical, membro marginal da classe dos nomes em português. Através dessa propriedade *morfológica* da construção, observamos que SNLoc é um SN, é um só vocábulo *fonológico*, cujo acento tônico recai na primeira subparte, a do SN. Assim, a referida construção é compreendida como um todo, um único “bloco” lexical que entra para o inventário da língua, o *constructicon*.

No polo do *sentido*, como propriedades *semânticas*, observamos que, na construção SNLoc atributiva, a segunda subparte, o Loc, se encontra destituída de traços de sua categoria fonte adverbial, como referência a lugar concreto e escopo verbal, em prol da articulação de sentido mais abstrato e escopo nominal. Logo, na construção mais abstratizada, o locativo não atua na referência espacial como na dêixis, e sim, atribui uma semântica de imprecisão e indefinição à construção, por conta de seu sentido original de afastamento, de lugar inexato.

Assim, observamos que, de forma geral, a construção SNLoc atributiva tem uma semântica de imprecisão e indefinição; entretanto, verificamos em todas as ocorrências analisadas que esses sentidos podem ser particularizados de acordo com os contextos *pragmáticos* em que se dá a construção em estudo. São contextos de imprecisão por desconhecimento do falante em relação ao que é dito; pelo

compartilhamento da informação entre os interlocutores; por pouca importância sobre o que é comentado e por estimativa aproximada quanto à quantidade do referente, apresentados, respectivamente, a seguir:

(24) E: você me disse que é *uma vila lá*... que tem uma entrada... uma saída... como é que é? Me descreve... (D&G – Descrição de Local oral – Niterói – século XX)

(25) aí todo mundo começou a brigar... cara... maior/ ficou/ acho que demorou meia hora... todo mundo brigando ali *no rodeio ali*... sabe? todo mundo brigando... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)

(26) I: tenho... tenho muito... até *essas menininha aí* que... que... que não gosta de falar com... com menino... fala... que a professora até falou “ó não precisa ter vergonha... e vai falar com todo mundo” aí todo mundo fala... (D&G – Relato de Opinião oral – Niterói – século XX)

(27) a diretora falou pra gente pagar eh... a caixa escolar... pra ter sempre a merenda... e as vassouras pra limpar... o pátio... pra limpar... é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que *uns cinco livros aí*... (D&G – Relato de Opinião oral – Rio de Janeiro – século XX)

Observe que, em (25), ao contrário de (24), o que prevalece não é a ideia de que o falante desconhece o que fala, pois não só ele como também seu interlocutor têm conhecimento do que, de quem e de onde se fala. Justamente por ambos compreenderem as referências realizadas, o emissor não especifica melhor tais referentes para o seu ouvinte, e o contexto se torna de imprecisão. Em (26), os interlocutores também conhecem o que se comenta, porém a imprecisão é para marcar um sentido de desprezo, de pouca relevância em relação ao referente exposto no SN. Em (27), ao produzir “*uns cinco livros aí*”, tendo dito anteriormente que “acha”, ou seja, que não tem certeza, o falante demonstra (inter)subjetivamente com SNLoc atributiva que não sabe a quantidade exata de livros.

A construção SNLoc atributiva pode ocorrer antes ou depois do constituinte verbal. A análise em relação à posição da construção mais cristalizada na sentença leva em conta suas propriedades da forma, mas também vai em direção ao polo do sentido com suas propriedades *semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais*.

A possibilidade de SNLoc atributiva ocorrer posposta ao verbo leva-nos a uma análise mais criteriosa a fim de verificarmos se o locativo é um clítico entrincheirado ao SN ou se é um argumento do verbo anterior à construção. Portanto, se a construção estiver anteposta ao verbo, a proposta do locativo como argumento do verbo é enfraquecida, pois como argumento do verbo, sua posição preferencial é após este verbo. Em (21), como vimos, o falante diz: “*um negão lá* gritou”; nessa posição pré verbal, constatamos que o pronome locativo está escopando o SN e compreendemos que, nesse arranjo, o falante transmite o sentido de “um negão que eu não conheço bem, não sei seu nome, gritou”. Logo, o uso clítico do Loc de SNLoc.

Entretanto, quando a construção SNLoc atributiva se encontra posterior ao verbo, realmente nos resta a dúvida se estamos diante de um locativo atuando como argumento do verbo anterior a esta construção, e essa dúvida se acentua ainda mais se este verbo possuir um *frame*¹² de espaço. Portanto, investigamos todo o contexto onde se encontra a referida construção. Caso SNLoc atributiva se encontre em posição pós-verbal, analisamos também o *frame* do verbo; se este não apresenta um *frame* espacial, verificamos mais claramente que o locativo da construção não é um argumento do verbo. Vejamos no exemplo (28) a seguir:

- (28) a família era um menino ... uma menina ... o pai dela ... a mãe dela ... e um gato ... ((riso)) um gato preto bem fofinho ((riso)) aí eles foram pra lá né ... chegaram lá no carro ... acho que era *nas férias lá... nas férias lá... nas férias da ... da ... das criança lá... dos filhos dele né ...* (D&G – Narrativa Recontada oral – Natal – século XX)

Verificamos em (28) que o verbo “era”, anterior aos dois arranjos SNLoc atributivo “*as férias lá*” e “*as criança lá*”, não possui *frame* espacial, já que não seleciona um locativo depois dele. Esse fato, aliado

¹² *Frames* (TAYLOR, 1995) são enquadramentos, molduras de sentido fornecidas pelas situações experienciais.

à observação de que a sequência em que se encontra a instanciação de SNLoc atributiva é de imprecisão – o falante diz “acho que” e demora um pouco nessa informação; essa demora é marcada pelas reticências –, torna mais fácil constatar que estamos lidando com um uso clítico do pronome locativo na construção.

Contudo, se SNLoc atributiva encontra-se após o constituinte verbal, tendo esse verbo um *frame* espacial, a dúvida quanto à possibilidade de o locativo ser um argumento do verbo se acentua, conforme expusemos. Porém, é a análise do contexto o que sempre garante que estamos diante da construção SNLoc atributiva. Citamos (29) a seguir como exemplo:

- (29) I: teve um dia que a gente fomos pra uma festa de rua lá em::/
 ah esqueci... esqueci o nome... ah... *um lugar aí*... aí... né? a gente
 passamos o maior sufoco dentro da Quinta... (D&G – Narrativa
 de Experiência Pessoal oral – Rio de Janeiro – século XX)

Em (29), a informante afirma que foi a uma festa de rua em “*um lugar aí*”. SNLoc atributiva está posposta ao verbo “fomos”, que tem um *frame* espacial, pois seleciona um lugar para onde se foi. Era esperado que uma dúvida pairasse quanto ao fato de esse locativo ser um argumento do verbo; todavia, além de haver uma notória distância entre o verbo e a construção, o entorno é de imprecisão, incerteza, indefinição. A informante deixa claro que esqueceu o nome do lugar e, assim, usa “*um lugar aí*” para marcar essa incerteza. Logo, verificamos que não estamos diante de um pronome adverbial locativo atuando como argumento do verbo, e sim, de uma construção cristalizada SNLoc atributiva, que, nesse caso e em outros tantos, posiciona-se após o constituinte verbal.

Dessa forma, as posições pré e pós verbal da construção SNLoc atributiva são passíveis de acontecer e a garantia de que o locativo da construção funciona como clítico e não como argumento do verbo se dá porque, principalmente, levamos em consideração o contexto semântico-pragmático em que tal construção ocorre.

Conforme é possível comprovar com os dados apresentados neste artigo, SNLoc atributiva ocorre preferencialmente em contextos informais da oralidade, em que a (inter)subjetividade é marcada, em sequências

de *fundo* narrativo¹³, que é a porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003). Realizamos um levantamento em nossos 110 textos narrativos e verificamos 93 ocorrências de SNLoc atributiva no plano de fundo e apenas 17 no plano de figura. Os exemplos (30) e (31) a seguir representam SNLoc atributiva atuando em plano de figura e de fundo, respectivamente:

(30) I: a Patrícia... ela... ela começou a se afobar... e falando “gente... eu vou me afogar... gente... eu não consigo... o que é que eu vou fazer? Ainá... me ajuda aqui...” aí a Ainá “não... não posso ajudar... porque eu também estou me afogando...” não sei quê... () assustadas ((riso)) “não... não posso ajudar que eu também estou me afogando...” não sei quê... aí::... acabou que um... um surfista lá ajudou a Patrícia a sair da água... e vieram dois ((riso)) dois negões salva-vidas pra ajudar a Ainá... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)

(31) e no domingo/ na segunda-feira de manhã ele ia... embora... pra Argentina... que ele trabalha num:: na/ num navio/ não é bem navio... é uma::/ esse troço aí... submarino... eu acho que é ... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio Grande – século XX)

Sublinhamos as sequências de figura das narrativas e verificamos que, em (30), SNLoc atributiva “um surfista lá” faz parte desse plano, pois é a porção do texto que apresenta a sequência temporal de um evento concluído, pontual e afirmativo. Já em (31), constatamos que “esse troço aí” encontra-se na sequência de fundo, a preferida de SNLoc atributiva, em uma parte em que o falante tenta esclarecer onde a pessoa de quem ele fala trabalha, uma informação adicional à ação desenrolada na narrativa. Destacamos, assim, as propriedades *discursivo-funcionais* da construção mais recente e lexical SNLoc atributiva.

Após apresentadas e discutidas as propriedades de forma e sentido de SNLoc atributiva, atestamos que esse arranjo mais recente na língua

¹³ O *fundo* corresponde à descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa, dos comentários avaliativos, da descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da *figura*.

é uma construção que se configura em contextos semântico-pragmáticos específicos de uso. Assim, com base na investigação dos dados expostos neste artigo, afirmamos que a macroconstrução produtiva e esquemática SNLoc atributiva, em uso no português contemporâneo através de construtos de microconstruções, é um novo esquema na língua, resultado de construcionalização lexical.

6 Considerações finais

Baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso, investigamos a construção SNLoc atributiva no português contemporâneo, a qual resulta da forte integração de suas subpartes – Sintagma Nominal e pronome adverbial locativo.

Numa perspectiva panorâmica, tomamos como base o *Corpus* do Português, para a análise de sincronias passadas, e o *Corpus* Discurso & Gramática, para os usos do século XX. Através desses *corpora*, realizamos um estudo prioritariamente qualitativo a fim de comprovar a hipótese de que SNLoc atributiva é resultante de construcionalização lexical a partir dos arranjos SNLoc dêiticos. Apoiados nos contextos de mudança de Diewald (2002), afirmamos que a mudança linguística de que resulta tal esquema se inicia em contextos atípicos, nos usos dêiticos mais referenciais, como os dêiticos físicos e os dêiticos catafóricos; e que, através dos usos dêiticos anafóricos e dêiticos virtuais, os quais configuram contextos críticos, com ambiguidades de sentido e forma, chega-se à construção SNLoc atributiva, em um contexto de isolamento. Esse é, então, o resultado da construcionalização com a construção SNLoc atributiva, atestada em nossos dados apenas na sincronia atual, diferentemente dos usos dêiticos que são encontrados em todas as sincronias.

Desse modo, forma-se, através de mecanismos como *priming*, inferência sugerida, neoanálise e analogização, um novo esquema construcional na língua, no nível do léxico, em que o locativo da construção passa a escopar o SN anterior, funcionando como seu atributo e não mais exibindo tão fortemente a semântica de lugar dos pronomes adverbiais locativos, mas conferindo um sentido de imprecisão à construção. O locativo mais recrutado para a construção atributiva é *lá*, conferindo maior indefinição e descomprometimento em relação ao sentido articulado pelo SN, e o tipo de texto preferencial são as narrativas, principalmente as

recontadas, em que os usuários contam uma história de outra pessoa e, por isso, não podem falar com precisão sobre o assunto narrado.

Sincronicamente, os esquemas SNLoc dêitico e SNLoc atributivo atuam como dois nós na rede SNLoc e estão disponíveis para o uso dos falantes. Assumimos que SNLoc atributiva é resultado de construcionalização lexical, já que, através de sua trajetória na língua, se origina um novo par forma e sentido principalmente de conteúdo. Trata-se de um SN mais marginal, já que não é o prototípico da categoria dos nomes.

Conforme Traugott (2008), verificamos que, depois de constituídas na língua as microconstruções de SNLoc atributiva através de construtos na interação, forma-se um novo esquema macroconstrucional, que tem suas propriedades sintáticas e semânticas alinhadas em mesoconstruções, constituídas, em nossa pesquisa, por SNs com duas ou três posições preenchidas. Assim, como mesoconstruções temos SN₂Loc e SN₃Loc.

Com base na investigação de nossos dados, afirmamos que a macroconstrução híbrida e produtiva SNLoc atributiva, em uso no português contemporâneo através de construtos de microconstruções, é um novo par forma e sentido, que conta com propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais específicas, de acordo com Croft (2001). A semântica de imprecisão de SNLoc atributiva pode ocorrer em contextos discursivo-pragmáticos particulares: pode estar relacionada ao desconhecimento do falante sobre o que é dito; ao compartilhamento da informação entre os interlocutores; à pouca importância sobre o que é mencionado e à tentativa de estimativa aproximada quanto à quantidade exata de um referente.

Constatamos que SNLoc atributiva é uma construção lexical endocêntrica, já que a segunda subparte da construção, o Loc, confere algum tipo de matiz à primeira subparte, o SN, mas ambos carregam propriedades de sua história na língua, de seu uso isolado mais lexical. As construções lexicais endocêntricas são mais esquemáticas e produtivas, já que têm seus *slots* para serem preenchidos e podem, desse modo, recrutar diferentes itens para compor a construção, recursivamente. SNLoc atributiva é, assim, mais esquemática e produtiva e menos composicional, já que há preservação de sentido do SN e de seu estatuto mais lexical, por outro lado, o locativo se encontra mais destituído de seus traços prototípicos adverbiais, atuando à semelhança de um clítico, a concorrer para a atribuição do SN.

Em nossa análise, verificamos também se o locativo da construção pode não ser um escopo do nome como observamos, mas um argumento do verbo. Concluimos que, quando SNLoc atributiva é pré-verbal, a interpretação em termos de argumento do verbo é enfraquecida; quando se encontra após o verbo, pode haver uma ambiguidade. Se o verbo anterior à construção tem *frame* locativo, a ambiguidade torna-se maior, o que não ocorre se o verbo não tem *frame* locativo. Consideramos o contexto em que SNLoc é inserida: se o contexto é de imprecisão, a interpretação em termos de SNLoc atributiva prevalece.

Por fim, atestamos que SNLoc atributiva é articulada em sequências de fundo narrativo, ou seja, na descrição de estados, na localização dos participantes da narrativa, nos comentários avaliativos. Apesar de nossas discussões não se encontrarem encerradas, acreditamos que em muito contribuímos para a descrição dos pronomes adverbiais locativos na posição posposta a um SN, não mencionada pelas gramáticas tradicionais, e esperamos que esta pesquisa motive novos estudos sob o viés da construcionalização lexical em português.

Referências

AGUIAR, M. T. de. *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português*. 2015. 213f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

AGUIAR, M. T. de. *Os contextos de mudança de SNLoc atributiva: um estudo de construcionalização lexical no Português*. Gragoatá, v. 25, n. 52, p. 712-735, 21 set. 2020.

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BYBEE J. L. Chunking and degrees of autonomy. In: *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP, 2010

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: *New reflections on grammaticalization*, ed. by Ilse Wischer and Gabriele Diewald. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F., M. A.; COSTA, M.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da. (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

NUNBERG, G.; SAG, I.A.; WASOW, T. *Idioms*. Language 70, 1994.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. United States: Oxford University Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English*. In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard and VEENSTRA, Tonjes (eds.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAUGOTT, E. C. e TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.